

POR UMA TANATOLOGIA RELIGIOSA A PARTIR DAS MÚLTIPLAS PERSPECTIVAS DA MORTE E DO MORRER

Ana Candida Vieira Henriques*

Maria Lúcia Abaurre Gnerre**

RESUMO

Este artigo tem o propósito de destacar as particularidades de três termos usualmente empregados para designar respectivamente, o morrer, a morte e o fim. A tanatologia, a escatologia e a teleologia aristotélica, chamada cósmica, são campos de estudo diferenciados, onde a morte ou o fim, enquanto propósito, é o centro de todas as especulações. Devemos lembrar que neste contexto, quando nos referirmos à morte, estaremos limitando-a apenas ao universo fenomênico religioso, visto sua grande amplitude no universo dos fenômenos. Desta forma, a partir dos esclarecimentos sobre a tanatologia, achamos pertinente e oportuno neste estudo, a introdução de um novo termo que criamos com o intuito de abarcar e expressar todos os aspectos espirituais, religiosos e transcendentais que repousam no processo de morte, a *Tanatologia Religiosa*. Com base em nosso objetivo central, o percurso metodológico adotado será a análise explicativa, pois que apenas temos o intuito de esclarecer tais campos de estudo quanto aos seus fundamentos, objetivos e abrangência.

Palavras-chave: Morte. Morrer. Tanatologia. Escatologia. Teleologia.

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões (2015-2019) (PPGCR - UFPB). Mestre em Ciências das Religiões (2014) pelo PPGCR - UFPB. Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7110858325644318>. E-mail: anacandidavh@gmail.com.

** Doutora em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP, 2006). Cumprido estágio de Pós-Doutorado na área de Ciências da Religião na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF, 2013). Professora Adjunta do Departamento de Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba. Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4154896044534100>. E-mail: marialucia.ufpb@gmail.com.

ABSTRACT

This article has the purpose to highlight the particularities of the terms usually employed to designate the process of dying, the death and the end. The thanatology, the eschatology and the Aristotelian teleology - called cosmic -, are different fields of study, where the death or the end as a purpose, is the center of all the speculation. We must remember that in this context, when we refer to death, we will be limited to the religious phenomenal universe. In this way, based on these considerations about thanatology, we find relevant for this study the introduction of a new term, that we create with the purpose to express all spiritual, religious and transcendental aspects related into the death process, *the Religious Thanatology*. Based on our main objective, the methodological approach adopted in this work will be the explanatory analysis, since we have the goal to clarify such fields of study and their motives, objectives and coverage.

Keywords: Death. Die. Thanatology. Scatology. Teleology.

INTRODUÇÃO

No campo das Ciências das Religiões, o fenômeno da morte e do morrer carece ainda de mais pesquisas acadêmicas acerca de sua natureza. A produção literária sobre o fenômeno da morte e demais campos de conhecimento, a saber, a tanatologia e a escatologia, ainda é bastante escassa no Brasil se levarmos em conta a importância desse fenômeno humano. Fato este que compromete nossas pesquisas, principalmente quando queremos olhar a partir do ponto de vista das Ciências das Religiões.

As pesquisas sobre a morte neste campo de conhecimento ainda são poucas, pensamos que seja porque a morte ainda não adquiriu um status próprio dentro da academia. Nas universidades existentes em nosso país, onde temos a graduação em Ciência(s) da(s) Religião(ões), a morte e os processos do morrer não figuram sequer como disciplina¹. Disto decorre a ausência de grupos de pesquisas que pensem a morte e instiguem a produção literária. Nestes termos, ela ainda passeia nos eventos acadêmicos com muita discrição, visto que raríssimos deles fazem emergir essa temática. De qualquer forma, apesar das dificuldades e por quais razões forem,

¹ Encontramos somente na UERN (Universidade Estadual do Rio Grande do Norte), a disciplina optativa "Ritos fúnebres e processos de luto" em sua matriz curricular. Pelo próprio título percebe-se que é uma disciplina bem específica, se concentrando apenas em dois aspectos da morte.



procuraremos neste artigo inserir a temática da morte e do morrer objetivando esclarecer alguns termos e conceitos comumente confundidos.

Primeiramente, procuraremos distinguir os termos *morte* e *morrer*, visto que cada um deles nos leva a uma reflexão distinta. Pensar na morte indica múltiplas perspectivas na sua abordagem, visto que o ângulo de visão de cada ciência difere quanto aos seus objetivos. O mau uso de tais terminologias pode conduzir a confusões conceituais significativas, e isso, por sua vez, pode acarretar numa desorientação por parte daqueles leitores descuidados.

A *posteriori*, introduziremos o campo da tanatologia² vislumbrando seus aspectos originais, ou seja, enquadrando esta ciência especificamente no processo do morrer. Pois que hoje, quando falamos em tanatologia costumamos nos referir à todas as questões relativas à morte, concentrando tudo num só campo. Emergindo deste processo de morte, achamos por bem introduzir uma nova terminologia com o intuito de criar um campo fértil para o cientista religioso ou teólogo que queira concentrar suas pesquisas na tanatologia. A Tanatologia Religiosa facilitará o acesso aos aspectos e elementos espirituais, religiosos e transcendentais que latejam neste processo e que pedem para serem analisados a partir da ótica das Ciências das Religiões e da Teologia.

Subsequentemente trataremos da escatologia, outro campo de conhecimento que se detém na morte enquanto objeto de especulações no além. É sedimentado nesta área uma multiplicidade de concepções escatológicas que visam amparar postulados religiosos e filosóficos quanto aos acontecimentos do pós-morte. Portanto, a escatologia é uma ciência que estuda o fim humano e seu respectivo fim divino ou transcendental.

E por fim, entraremos em um campo filosófico denominado de teleologia, teoria esta criada por Aristóteles antes da era cristã. Seu estudo atrelava uma causa primeira a uma causa final, e esta sempre tinha como efeito ou como propósito, um algo de

² A respeito da definição de tanatologia, Kastembaum e Aisenberg (1983), diz que a Tanatologia é a ciência que estuda os processos emocionais e psicológicos que envolvem as reações à perda, o luto e a morte.



melhor, ou seja, o bem, a felicidade. Em suma, podemos afirmar que é uma teoria filosófica que trata da natureza humana e seu fim eminentemente humano.

1 A MORTE E O MORRER

A morte, como já é sabido, é um fato inexorável que acontece a todo ser vivo, por isso mesmo, deve ser tratada como um fato real. Do ponto de vista biológico, ela é a cessação de todos os órgãos vitais do organismo de maneira definitiva, total e permanente. Não podemos conceber a morte como possibilidade, como algo que pode acontecer. A morte, contrariando a própria vida, existe de fato, ela é realmente concreta e se apresenta a todos os mortais. Devemos pensá-la sim, mas como uma realidade, pois dentre seus aspectos mais marcantes, está a certeza do fato e sua inexorabilidade incontestáveis.

Ao longo de nossa empreitada com relação aos estudos da morte³, sentimos a necessidade de introduzir melhor estes dois termos usualmente empregados no cotidiano. A morte e o morrer requer um pouco do nosso entendimento, visto que, não raro, tornam-se objetos detentores de um mesmo sentido, quando na verdade não o são. São termos que, antes de tudo se diferem gramaticalmente, onde o primeiro se configura nas classes de palavras como um substantivo e o segundo como um verbo. Portanto, a palavra morte é um termo substantivado que resulta de uma ação, que é o ato de morrer, e este último é a própria ação, é o acontecer, ou seja, o próprio verbo.

Partindo desse pressuposto e enquanto fenômeno religioso, a morte se enquadra como um objeto de estudo, onde as várias ciências sedimentam a pesquisa a partir de um olhar próprio. A filosofia da religião, por exemplo, tanto reflete questões metafísicas acerca da morte, como também a pensa sob um prisma ético e antropológico. Desta forma, a morte vai figurando como um objeto mais abrangente, onde sua reflexão parte do ângulo de cada ciência, nos mais variados espectros. A

³ Principalmente dois trabalhos anteriormente realizados, o primeiro como requisito de conclusão do curso de graduação e o segundo como requisito para obtenção do grau de mestre. São eles respectivamente: Educar para a morte: um desafio para o ensino religioso e Sobre a morte e o morrer: concepções e paralelismos entre o Catolicismo Romano e o Budismo Tibetano (cf. HENRIQUES, 2013 e HENRIQUES, 2014).



morte é decorrente do morrer, por isso ela adquire um caráter mais genérico, um universo mais abrangente, principalmente quando se fala em pesquisa.

Já quando falamos em morrer, estamos restringindo a uma ação, um ato. Toda ação tem um sujeito e acontece num dado tempo e espaço. Nessa linha de raciocínio, o morrer humano está inserido em um processo biológico, onde há início, meio e fim. Portanto, o morrer se caracteriza por ser um processo de falência de órgãos imprescindíveis à manutenção da vida. Sendo assim, para analisarmos o morrer sob o ponto de vista religioso, temos que considerar primeiramente o aspecto biológico, é ele que determina e desencadeia todo o processo.

Falando do ponto de vista biológico, nosso corpo é composto por uma infinidade de células, as quais se reproduzem e se renovam constantemente. A vida surge porque as células se reproduzem e esta reprodução é uma propriedade fundamental para que o organismo permaneça vivo. Mas as células também envelhecem e morrem, ao ponto que outras vão substituindo ao mesmo tempo durante todas as fases da vida. Portanto, o morrer representa a última etapa desse complexo processo biológico, onde a finitude humana vem para atestar nossa mortalidade.

Esse morrer tanatológico é marcado por um processo onde não se conhecem causas e efeitos específicos. Também não se pode enquadrá-lo no tempo, pois que sua duração é indefinida, como também é indefinido as reações por parte do sujeito, quer sejam positivas (aceitação) ou negativas (rejeição). Nesse ínterim, exporemos, logo em seguida, um campo ainda pouco sedimentado, se levarmos em conta seu surgimento e sua aplicabilidade, contudo, funcional, quanto aos efeitos que proporciona. Estamos falando da tanatologia, um campo novo cuja preocupação está centrada na humanização do processo do morrer.

2. TANATOLOGIA: O MORRER NA CIÊNCIA DOS NOVOS TEMPOS

O pós-guerra foi palco de inúmeras e constantes transformações, sejam de ordem social, política, econômica, religiosa, etc. Neste cenário, desponta uma nova sociedade, de perfil industrial, que passa a atrair olhares especiais de várias áreas do conhecimento, principalmente das ciências médicas. O fenômeno da morte desperta



um certo interesse quanto a um estudo mais aprofundado. Para se ter uma real compreensão da morte, faz-se necessário seu estudo sistemático a partir de uma visão científica.

Nestes termos, neste cenário de pós-guerra, surge um adepto das discussões sobre a morte e o morrer. O psicólogo americano Herman Feifel, em 1959, através do seu livro *The meaning of death* (O significado da morte), desbravou um campo até então escondido. Esta obra contou com riquíssimas contribuições de grandes estudiosos, tais como: Jung, Tillich e Marcuse, dentre outros, isto fez com que fosse sedimentado um novo domínio no estudo da morte, a tanatologia. Outro precursor no estudo da morte foi Robert Kastembaum, em 1976, com sua obra *Psychology of Death* (Psicologia da morte) (Kováks, 2008, p.459).

Lançadas as primeiras sementes, o campo de estudos da morte contou com a coragem e grande empenho da psiquiatra suíça Elisabeth Kübler-Ross, que em meados da década de 60, implementou um novo modo de se conceber a morte e o morrer. Ela é considerada uma das mais importantes estudiosas da temática da morte, onde contribuiu sobremaneira para o desenvolvimento da tanatologia através de sua obra “Sobre a morte e o morrer”. Sua experiência no trato com pacientes terminais, a fez perceber a urgência de uma humanização do processo de morte através de cuidados paliativos a partir do diagnóstico da doença grave (Kováks, 2008, p.461)

Como bem disse Edgar Morin (1997, p.13) “As ciências do homem negligenciaram sempre a morte”. Por isso então, era chegada a hora de colocar de lado todos os temores impostos à morte. Era preciso voltar a encará-la de frente, colocá-la em discussão. A partir de então muitos conceitos foram desmistificados e muitos posicionamentos foram reavaliados pelos profissionais da área da saúde. Ainda se tem muito a fazer, mas o mais importante é que o primeiro passo foi dado. Mas o fato é que, a tanatologia surgiu para redirecionar pensamentos e atitudes humanas diante da morte. Mas afinal, o que é tanatologia? Em que bases essa nova área se sedimenta?

A tanatologia é uma área relativamente nova, se considerarmos a finitude humana como um fato intrínseco à vida desde a origem das espécies. Nesse sentido, ela ainda



está a passos lentos nesse processo do morrer. De acordo com D'assumpção, D'assumpção e Bessa (1984, p.10), “A tanatologia é uma ciência em nascimento. Ainda não está definida dentro da comunidade científica internacional e, especialmente em nosso meio, ainda encontra os maiores obstáculos para caminhar”. Atualmente ela integra na comunidade acadêmica, o quadro de disciplinas da área da medicina legal, onde seu objetivo é estudar a morte e seus aspectos médico-legais.

Além desse aspecto, esta ciência também se concentra nos aspectos psicológicos e sociológicos da morte. É através de uma assistência humanizada e psicológica aplicada diretamente pelos profissionais da saúde aos doentes em fase terminal, que a tanatologia cumpre sua função primordial (Maranhão, 1998, p.40-42). Neste processo que se inicia com o diagnóstico da doença e culmina com a morte, é indispensável a atenção e colaboração dos agentes profissionais envolvidos, só que de forma humanizada. Kübler-Ross (1987, p.20-21) evidencia isso num exemplo de um paciente hipotético, onde ele é tratado apenas como um “objeto de grande preocupação e grande investimento financeiro”.

O processo do morrer, a um só tempo, se apresenta de forma individual e coletiva, pois temos que considerar que, apesar de ser vivenciado efetivamente pelo moribundo, a participação dos familiares e dos profissionais é preponderante e decisiva. Nesta fase o doente vive o morrer, e portanto, os métodos e técnicas empregados devem gerar resultados positivos para ambas as partes. Kübler-Ross (1987), no decorrer de seus estudos, direcionou sua atenção em detectar alguns estágios característicos desse processo. Suas pesquisas indicaram algumas fases pelas quais o paciente terminal geralmente enfrenta. Ela destacou um total de cinco estágios, que são eles: negação e isolamento; raiva; barganha; depressão e aceitação⁴.

Ela ressalta que, comumente, a *negação* é uma defesa temporária por parte do paciente, que é normal o estado de choque inicial, contudo, gradualmente essa reação

⁴ É interessante ressaltar que estes modos de comportamentos frente aos cinco estágios de Kübler-Ross é tipicamente da cultura ocidental, visto que, o medo e a repulsa da morte se constituem como fenômenos latentes na contemporaneidade. Diferentemente disto, a cultura oriental percebe e age de forma otimista quando se trata da morte e do morrer, acarretando, obviamente, em posturas e atitudes divergentes (a este respeito, cf. HENRIQUES, 2014).



se desfaz. A *raiva*, ou revolta, inveja e ressentimento, costumam aparecer neste processo em forma de indagações, os quais se perguntam “o porquê de ser eles e não os outros”. Neste estágio é comum o paciente se revoltar contra Deus e as pessoas. Outra postura adotada é a *barganha*. Aqui o paciente percebe que precisa entrar em acordo com Deus, se ele não conseguiu nada quando se reportou com ira, talvez consiga agora se manifestando com certa tranquilidade.

Outro estágio observado por Kübler-Ross foi o estado de *depressão* pelos quais os pacientes passavam. Eles apresentavam um quadro de apatia, de desânimo, onde perdia grande parte da esperança que envolvia todo o processo. E por fim, o estágio da *aceitação*, onde o entendimento sobre sua real condição se fazia presente. De certa forma, nesta fase o paciente experimentava um pouco de paz. Todas estas fases acontecem, segundo a pesquisadora, sem uma ordem precisa, podendo variar a sequência dos estágios conforme as características de cada paciente. Muitos até morrem antes de vivenciar tais fases. (KÜBLER-ROSS, 1987, p. 51-125).

Vale ressaltar que a tanatologia se concentra essencialmente nos aspectos biológicos, psíquicos e legais decorrentes do processo de morte. No que se refere aos aspectos legais, temos a tanatologia forense que trata especificamente das consequências jurídicas causadas pela morte. No resto e de um modo geral, a tanatologia cuida especificamente para que o paciente terminal tenha uma boa morte, através de um amparo médico e psicológico. Podemos até dizer que ela é um processo do bem morrer, pois que através dos métodos e técnicas humanizadas, o doente terminal vai de encontro ao seu destino final, que é a morte.

Fica evidente também neste processo a questão da esperança humana, situada numa possível cura ou num milagre realizados durante o processo. Esta esperança evidenciada reside entre o real e o imaginário. O desejo de se manter vivo trafega na imaginação do moribundo, adquirindo certa conotação espiritual/religiosa. Quando espera uma cura, esta pode vir através de uma invenção de um medicamento mais potente, por exemplo. Nesta situação, simplesmente pode-se acreditar que isso aconteça sem nenhuma interferência religiosa. Contudo, noutra situação, quando o paciente acredita que pode acontecer um milagre, podemos pensar que esta esperança transcende qualquer lógica.



É com esse entendimento que percebemos que a tanatologia, enquanto ciência que estuda a morte, não consegue abarcar toda a real dimensão do processo do morrer. Os aspectos espirituais, religiosos e transcendentais⁵ precisam ser considerados, porque no transcorrer do processo, a esperança, enquanto sentimento humano, permanece presente todo o tempo, quer seja num aqui/agora, quer seja num além. Para esse processo que envolve os aspectos espirituais, religiosos e transcendentais do morrer estamos propondo o conceito de *Tanatologia Religiosa*.

Na Tanatologia Religiosa há que se levar em conta os mitos, sobre os quais desenvolveram-se crenças e ideias acerca da morte. Pois, conforme Vázquez Borau (2008), “os relatos míticos alimentam-se diretamente da realidade, expressando-a tal como ela é”. Eles possuem características marcantes, como “a exemplaridade ao transformar-se em modelo de tudo o que é e deve ser como princípio estruturante do ser e do fenômeno”. Existe uma infinidade de mitos, contudo, segundo Borau, podemos classificá-los em apenas dois, os mitos cosmogônicos (ou relatos da criação e estrutura do mundo) e os mitos etiológicos ou de fundação, que tem como função justificar o estado das coisas, dentre estes, as doenças e a morte (BORAU, 2008, p.35).

Nessa perspectiva, Morin (1997) se reporta ao mito da *morte-renascimento* e ao mito do *duplo* a partir do que pensa sobre a morte. Ele diz que “a morte se situa exatamente na articulação bio-antropológica”. Com isso ele quer ressaltar através desses mitos toda a questão biológica que envolve o humano. No mito da morte-renascimento, claramente se exprime a lei biológica marcada pelo morrer e renascer constante das espécies. O mito do duplo está intrinsecamente relacionado a forma universal de reprodução biológica. Esse duplo que “cria automaticamente a experiência do reflexo,

⁵ É importante observarmos as diferenças existentes nestes três aspectos. Quando nos referimos ao aspecto espiritual, estamos relacionando-o às experiências mais profundas do ser, quando o espírito fala mais alto. Aqui há uma introspecção que se resvala numa mudança interior profunda. Com relação ao aspecto religioso, estamos concebendo-o de um modo mais confessional, onde a fé se constitui como um dos principais ingredientes. Ainda neste aspecto, a esperança de continuar vivo irá residir no tempo e no espaço dentro do processo de morte. É a esperança imanente no aqui/agora. Por fim, o aspecto transcendental o situamos para além da realidade temporal, onde a esperança será depositada num além, num pós-morte.



do espelho, da sombra, o duplo, produto espontâneo da consciência de si” (MORIN, 1987, p.16-17).

Visto que o mito transita entre a realidade e a imaginação, a tanatologia religiosa pode tomar como suporte os cinco estágios do processo do morrer de Kübler-Ross. Neles encontramos subsídios consistentes para a criação deste termo, visto que estes estágios psicológicos são inerentes à todos os doentes terminais, além de que foram comprovados “in loco” por suas sistemáticas pesquisas. Analisando os cinco estágios do processo do morrer (negação, raiva, barganha, depressão e aceitação), vimos que todos eles, em algum momento do processo, denotam algum aspecto religioso. Não no sentido de demonstrar alguma crença ou pertença religiosa, mas no sentido de algo maior, algo espiritual. Sabemos que não podemos confundir a esfera espiritual com a esfera religiosa, contudo, nesse contexto, o primeiro estará inserido no segundo.

Para ampararmos melhor nosso termo, analisaremos a partir de agora os cinco estágios do morrer de Kubler-Ross, evidenciando principalmente os aspectos religiosos presentes neste processo. No primeiro estágio, que é de negação frente a gravidade da doença, e passado o choque inicial, a primeira reação do moribundo é dizer: “Não, não pode ser comigo” (KÜBLER-ROSS,1987, p.55). Isto pode ser atribuído ao fato de, inconscientemente, nos considerarmos imortais, apesar de mortais. Aqui cabe perfeitamente o pensamento de Maslow, citado por Becker (2010) quando diz que,

É precisamente em relação ao que há de divino em nós que nos tornamos ambivalentes, ficamos fascinados e temerosos, somos motivados e nos defendemos. Este é um aspecto da dificuldade básica do homem, o de sermos simultaneamente vermes e deuses (BECKER, 2010, p.75).

Neste estágio, percebemos que, por um momento, é latente o aspecto transcendental. Vimos a consciência de uma imortalidade escondida no inconsciente. Aos poucos essa imortalidade se desfaz e a consciência da mortalidade aparece como uma sentença anunciada, como salienta Kübler-Ross.

Em geral, só muito mais tarde é que o paciente lança mão mais do isolamento do que da negação. É quando fala de sua morte, de sua



doença, de sua mortalidade e imortalidade, como se fossem irmãs gêmeas coexistindo lado a lado, encarando assim a morte, sem perder as esperanças (KÜBLER-ROSS, 1987, p.54-55).

É bom notarmos que, na maioria dos casos, a esperança é um aspecto que persiste em todo processo. Na fase da raiva, o doente assume o seu problema, é quando diz: “Pois é, é comigo, não foi engano”. Nesse momento, a cólera o invade se propagando em várias direções. Como se trata de um sentimento irracional, é comum o paciente descontar suas frustrações nos profissionais que o assistem, como também nos familiares e em Deus (KÜBLER-ROSS, 1987, p. 63-64, 95). Nesta fase também evidenciamos aspectos religiosos, pois que, como averiguado nas pesquisas, comumente o doente se revolta contra “Deus”, questionando-o o “porquê” de ser ele.

Na fase da barganha, Kübler-Ross enfatiza uma espécie de acordo com Deus, onde o paciente acredita que pode ser bem-sucedido. Aqui entra indagações do tipo: “Se Deus decidiu levar-me deste mundo e não atendeu a meus apelos cheios de ira, talvez seja mais condescendente se eu apelar com calma” (KÜBLER-ROSS, 1987, p. 95). Mais uma vez o aspecto religioso está presente, fincado principalmente numa esperança em adiar seu fim. Nesse contexto, a esperança reside exclusivamente na temporalidade. O moribundo almeja continuar vivo por mais um tempo.

Na fase da depressão, que é permeada pela tristeza, melancolia e impotência, o elemento espiritual está presente através do mergulho interior que o paciente realiza. Neste estado, tanto o paciente quanto a família vivenciam um luto por uma perda que está por vir. Esse retorno para o que há de mais profundo em si mesmo, de certa forma, funcionará como combustível para a próxima etapa, que é a aceitação, pois isso dará suporte necessário para enfrentar o fim com dignidade.

E finalmente, a quinta etapa do morrer culmina com a aceitação. Aqui o moribundo atingiu um estágio de plena consciência do fato, se sente preparado para enfrentar sua morte. Nessa fase, é comum o doente situar sua esperança numa outra dimensão da vida, entra em cena mais um aspecto religioso extremamente importante. A crença na imortalidade retoma toda sua força quando o moribundo deposita sua esperança no além. Nesse ponto, acreditar que de alguma forma continuará a existir, traz um imenso alívio e segurança.

Com esse sedimento, acreditamos que a tanatologia religiosa possibilitará o estudo mais aprofundado do fenômeno religioso embutido em todo processo do morrer, a partir do observatório próprio das Ciências das Religiões. Como já dissemos, há que se levar em conta os aspectos religiosos durante o processo, visto que, como vimos, se configura como um fator que determinará de certo modo, o cumprimento de cada estágio. Mais uma vez reafirmamos que o que está em jogo é a presença marcante de elementos espirituais, religiosos e transcendentais no processo de morte e não a crença em uma religião específica ou ainda uma não crença.

Diferentemente da tanatologia, a escatologia vem para suprir as contingências humanas no que se refere à crenças imateriais. O homem, dada sua condição mortal, projeta esperanças metafísicas objetivando uma imortalidade da alma⁶. Deste modo, este campo de conhecimento teológico visa fomentar, através das religiões, uma preparação humana de caráter puramente espiritual.

3. Escatologia: o amparo nos postulados transcendentais

“Em toda a história conhecida da espécie humana, constatamos, como traço cultural permanente, a convicção de que, depois da morte, haveria algo mais, a morte não seria o fim último; a vida do ser humano continuaria”. Estas são declarações de Renold Blank (1998, p.9) se referindo a questão emblemática da morte. Ele ainda acrescenta que muitas dúvidas e indagações consomem cada vez mais o homem quando este pensa como seria a vida após a morte. Mas de fato, existe vida depois da morte? Que garantias temos quanto a esse viver eterno? Quem ou o quê nos garante que viveremos “felizes para sempre” numa outra dimensão?

É por estas e outras tantas indagações que a escatologia surgiu para preencher essa lacuna existencial. O homem quer e precisa de respostas que supram estas necessidades mais básicas, aquelas que se referem a sua existência. As religiões, através de suas teologias escatológicas, se esforçam para dar tais respostas, contudo estas precisam de um respaldo de caráter sagrado. Com base nisso, toda religião possui uma base, um alicerçe, que é a crença no sagrado⁷, pois sem esta crença não

⁶ Ou qualquer outra denominação que se queira adotar, como a consciência, o espírito, a mente, etc.

⁷ Aqui nos referimos a várias modalidades do sagrado, como Deus ou outras divindades que despertam um sentimento religioso no ser humano (Sobre as concepções do sagrado, cf. ELIADE, 1992).



seria religião. A partir desta crença, cada religião ergue seus próprios pilares que darão sustentação aos seus postulados.

Dessa forma, os postulados escatológicos cumprem uma importante função social, que é a de confirmar as convicções que o homem deposita em sua crença religiosa. Como Raymund Moody (1979) salienta a seguir, o ser humano sempre projeta para outro mundo uma crença na imortalidade.

[...] algum aspecto do ser humano sobrevive mesmo depois que o corpo físico cesse de funcionar e seja finalmente destruído. A esse aspecto persistente muitos nomes têm sido dados, entre os quais "psique", "alma", "mente", "espírito", "eu", "ser" e "consciência". Não importando o nome por que seja chamado, a noção de que se passa para outro reino da existência depois da morte física é das mais veneráveis entre as crenças humanas (MOODY, 1979, p.11)

Nestes termos, no que se refere às religiões, a escatologia envolve crenças em verdades eternas, dogmatizadas e tidas como irrefutáveis. Estas crenças possuem caráter embrionário, pois que são concebidas a partir de um fundamento primeiro. Esse fundamento é o que chamamos de teologia e cada religião tem sua própria. Toda religião emerge da ligação do homem com o sagrado e o cosmo, e a partir disso, todas as bases e pressupostos teológicos são formulados. Com a teologia são estabelecidas as doutrinas que embasam e sustentam a religião. Estas doutrinas regem um conjunto de princípios teológicos, filosóficos e éticos, nas quais se agrupam cânones sagrados, normas de conduta, valores, dentre outros.

Dentro de cada teologia floresce uma escatologia. Da mesma forma que toda religião tem uma teologia, toda teologia tem uma escatologia. Engano pensar que somente as grandes religiões⁸ do mundo possuem escatologias. A escatologia está no centro da religião - seja ela de que tamanho for - porque trata das crenças relativas ao fim humano e do cosmo. Só para ilustrar, tomemos como exemplo o Zoroastrismo da Pérsia (atual Irã), que ainda resiste ao tempo (séc. VI a.C.). Atualmente ainda conta com aproximadamente 200 mil fiéis espalhados pelo Irã e Índia. Trata-se de uma religião pagã com teologia revelada pelo deus único Ahura Mazda ao seu fundador, o

⁸ Sempre quando falamos em grandes religiões, estamos tomando como parâmetro o número de adeptos.



profeta Zoroastro e conta com uma riquíssima escatologia, onde comporta sua própria noção de ressurreição, julgamento após a morte e paraíso/inferno no além (LAMBERT, 2011, p. 317, 362).

A escatologia é a ciência que trata das “últimas coisas”, ou seja, é o estudo do fim, quer seja humano ou do universo. De acordo com Lambert (2011, p. 337), há dois tipos de escatologia⁹: a individual que é o “conjunto de doutrinas e crenças relacionadas ao fim último do homem” e a universal (também chamada cósmica), que está relacionada ao fim último do universo. Portanto, a morte humana e o fim cósmico fazem parte desta ciência que comporta crenças transcendentais. É mais comumente discutido na sociedade a escatologia individual, pois que, de certo modo, procura responder às questões existenciais que afligem tanto o homem.

A morte é o ponto de partida para se pensar em escatologia, pois é a partir dela, que doutrinas são postuladas com base numa vida imaterial. Estes postulados residem na esperança de uma vida pós-morte. Tais concepções vislumbram noções de estados a serem assumidos pelo homem após sua morte, quer seja através de uma ressurreição do corpo, quer seja por um renascimento, por uma reencarnação ou por outras crenças. A escatologia vai mais além quando associa os aspectos imanentes aos transcendentais, isto é, quando atrela condutas morais do plano físico à condição a ser assumida num plano espiritual.

De certa forma, as concepções escatológicas procuram fazer uma ponte com as atitudes humanas. O destino transcendental do homem está intrinsecamente relacionado com sua natureza humana, isso é indiscutivelmente postulado pela maioria das religiões. As concepções escatológicas vêm atenuar um pouco a angústia do homem frente ao seu destino, pois como diz Becker (2010, p.115), “a angústia é o resultado da percepção da verdade de nossa condição”.

A condição mortal do homem faz com que ele aspire benefícios após seu fim, portanto, uma teologia escatológica deverá corresponder a todas essas expectativas, deverá

⁹ De acordo com o Dicionário Priberan, o termo escatologia também pode significar o ato de analisar excrementos (fezes). É uma parte da medicina chamada cropologia.



ser otimista. Pode acontecer de alguma religião modificar alguma concepção que possa dar margens à falsas interpretações, visando responder de modo mais coerente às indagações, anseios e temores humanos. Nestes termos, algumas concepções escatológicas podem ficar comprometidas, chegando a perder completamente seu alcance junto aos fiéis. Isto merece um olhar especial por parte do cientista religioso, pois que este fenômeno merece uma análise mais detalhada de “como” e “porquê” acontece esse processo.

Em decorrência da realidade da mortalidade humana, a imortalidade da alma se apresenta, *a priori*, como uma fonte de alívio. Ela assegura a perpetuação do homem em outra dimensão, contudo é e sempre será, uma grande incógnita todo esse processo. As religiões, por sua vez, não poupam esforços em alimentar as esperanças escatológicas, pois que nisso se concentra sua eficácia enquanto sistema social de crenças.

Vistos os dois campos de conhecimento acerca da morte, adentraremos a partir de agora numa teoria filosófica grega que emergiu no período clássico. A teoria das causas finais de Aristóteles, como toda teoria, sofreu críticas e rejeições desde sua concepção. Não é nosso propósito aqui relatar sua história e seus desdobramentos, nos fixaremos apenas em esclarecer o que é a teleologia, sob que bases esta teoria se fundamentou. Por se tratar de causas finais, pode induzir ao equívoco de confundir com a morte e sua destinação final.

4. TELEOLOGIA ARISTOTÉLICA: UM PENSAR NAS CAUSAS FINAIS

Abordar teleologia é pensar e falar em Aristóteles, grande filósofo grego do século IV. Sua teoria teleológica preconiza o saber das coisas, dos princípios e das causas primeiras, pois, “conhecer pela causa é conhecer o geral, isto é, pelo conceito e pela essência” (ARISTÓTELES, 1984, p. 12). Como todo bom filósofo, ele atribui à filosofia um status de ciência universal, e ao filósofo, o conhecimento de todas as coisas, pois que conhece todos os sujeitos. Enquanto uma ciência teórica dos primeiros princípios e das causas, Aristóteles situa o “bem” e o “porquê” como uma das causas.



Nestes termos, ele emprega quatro sentidos à causa: a causa formal, a material, a eficiente e a causa final. A cada causa lhe é atribuído um sentido. Vejamos o que ele diz:

É pois manifesto que a ciência a adquirir é a das causas primeiras (pois dizemos que conhecemos cada coisa somente quando julgamos conhecer a sua primeira causa; ora, causa diz-se em quatro sentidos: no primeiro, entendemos por causa a substância e a quiddidade (o “porquê” reconduz-se pois à noção última, e o primeiro “porquê” é causa e princípio); a segunda (causa) é a matéria e o sujeito; a terceira é a de onde [vem] o início do movimento; a quarta [causa], que se opõe à precedente, é o “fim para que” e o bem (porque este é, com efeito, o fim de toda a geração e movimento) (ARISTÓTELES, 1984, p. 16).

Neste artigo não abordaremos as três primeiras causas, apenas nos deteremos nas causas finais. Sendo assim, podemos perceber que o “porquê” e o “para quê” conduzem a uma destinação final. É nesse ponto que sua teoria experimenta e expressa o “bem” ou o “sumo bem” como algo claramente absoluto, já que nem todos os fins o são (ARISTÓTELES, 1991, p.14). Portanto, o bem é determinado pela ação, e toda ação tem uma causa impulsionadora. Nestes termos, sua teleologia (do *telos* que significa causas finais), congrega o bem viver e o bem agir como meios de se chegar a um fim, que ele designa de felicidade.

Ainda sobre as causas, Margarita Ponce (1979) esclarece muito bem, a seguir, a dinâmica da teoria aristotélica.

El enfoque aristotélico del análisis de las causas es tanto epistemológico como ontológico. El problema surge del anhelo humano por conocer y explicarse las cosas. De ahí la conexión entre los conceptos de causa y explicación, pues en último término sólo se comprenden cabalmente los fenómenos cuando se conocen las causas o principios de los que dependen. En esto consiste el conocimiento científico para Aristóteles. Busca los principios explicativos de la realidad y no sólo (o por lo menos no em primer término) los elementos materiales de los que surge esa realidad. Se trata, pues, em um aspecto, de uma relación de conocimiento. Conocemos una cosa cuando captamos su *por qué*, su causa. La naturaleza de la explicación, como nu nombre lo indica, es primariamente aclaratoria. Consiste em proporcionarnos una inteligibilidad; em manifestar los nexos entre las cosas y los principios

de los que dependen. Así, el conocimiento científico resulta del conocimiento de los principios¹⁰ (PONCE, 1979, p.103).

Desta forma, a concepção aristotélica das quatro causas estabelece a existência de um princípio e causa primeira, visto que “não é infinita a série de causas, quer na continuidade ascendente, quer na diversidade de espécies” (ARISTÓTELES, 1984, p. 16). Este pensamento diverge em alguns pontos de outras teorias clássicas a respeito das causas, como a teoria das ideias de Platão e a dos números de Pitágoras. O fato é que Aristóteles atribui uma finitude às causas dos acontecimentos e dos seres, contrariando alguns filósofos anteriores ou da sua época. Para ele, os filósofos que teorizam o infinito estão destruindo a própria natureza do bem. Sendo assim, não há possibilidade das causas serem em número e variedade infinitos, mas sim, finitas em número e espécies.

Com isso, a teleologia de Aristóteles estabelece que todas as coisas se encaminham naturalmente para um mesmo fim. Ela toma proporções mais abrangentes, no sentido cósmico, quando se estende à explicação da natureza do universo, pois

[...] o que se parecia se remeter apenas a uma teleologia interna aos seres adquire um contorno de teleologia totalizante, quando Aristóteles escreve sobre a primeira causa do universo e o modo como ela é encarada, tanto como causa eficiente primeira, quanto como causa final primeira (VASCONCELOS; MARTINS JÚNIOR, 2011, p.61-62).

Como vimos acima, sua teleologia é cósmica porque se expandiu para o universo. Explicar a natureza do universo e dos seres, para Aristóteles, é pensar nos princípios e nas causas que são sumamente conhecíveis, pois por eles e a partir deles se

¹⁰ O enfoque aristotélico das análises das causas é por conseguinte epistemológico como ontológico. O problema surge da ânsia humana por conhecer e explicar as coisas. Daí a conexão entre os conceitos de causa e explicação, pois em última análise só se compreendem cabalmente os fenômenos quando se conhecem as causas e princípios do qual dependem. Neste consiste o conhecimento científico para Aristóteles. Busca os princípios explicativos da realidade e não unicamente (ou pelo menos em primeira instância) os elementos materiais do qual surge essa realidade. Se trata, pois, em um aspecto, de uma relação de conhecimento. Conhecemos uma coisa quando, captamos seu *por quê*, sua causa. A natureza da explicação, como o nome o indica, é primeiramente aclaratória. Consiste em proporcionarmos uma inteligibilidade; em manifestar os nexos entre as coisas e os princípios do qual dependem. Então, o conhecimento científico resulta do conhecimento dos princípios (PONCE, 1979, p.103).



conhece todas as coisas, onde o bem e o “porquê” são uma das causas (ARISTÓTELES, 1984, p. 14).

Após um período clássico de grandes teorizações não-teológicas¹¹ acerca da natureza e do ser, o período medieval assumiu uma postura mais teológica quanto às interpretações dessas mesmas teorias. Desta forma, tanto a teleologia cósmica quanto o conhecimento filosófico greco-romano tomaram novos contornos quando, religiões como o Cristianismo e o Islamismo, se apropriaram desse conhecimento a seu modo. Com efeito,

Dadas as suas formações essencialmente religiosas, tenderam a interpretar o conhecimento (incluindo o conhecimento da natureza) por um viés teológico. Para religiosos medievais, todo o destino do homem e do universo estava nas mãos de Deus, restando aos fiéis somente reconhecer a vontade divina. Ou seja, a filosofia e a ciência estavam subordinadas, acima de tudo, a fé (VASCONCELOS; MARTINS JÚNIOR, 2011, p.63).

Voltemos, pois, a filosofia de Aristóteles, a qual sempre teve como finalidade, unir o saber à felicidade. Porque “se existe uma finalidade para tudo que fazemos, essa será o bem realizável mediante a ação, e, se há mais de uma, serão os bens realizáveis através dela” (ARISTÓTELES, 1991, p.13-14). Como vimos, sua teleologia está centrada na explicação da natureza dos seres e do universo através das causas que agem em direção a um fim. Por isso seu estudo é conhecido como finalista, porque trata essencialmente das causas finais.

De acordo com Martins (2013, p. 180), “Os processos naturais levam, através de uma série de transformações, cujas causas são internas, a um estado final. E esse estado final é também a finalidade do processo”. Cita Aristóteles quanto ao fato de as coisas só serem completas quando atingem um fim, um propósito, e este fim, por sua vez, é bom. Desta forma, pensamos que a morte não se encaixaria neste processo, por ela não representar um fim “bom”¹², apesar de que, dentro do processo evolutivo das espécies, se constitui como finalidade. Ela é o fim a qual toda criatura está submetida,

¹¹ Com exceção de Homero e Hesíodo, os quais falavam dos deuses em suas poesias, por isso mesmo, ambas possuíam uma conotação teológica.

¹² Enfrentamos na contemporaneidade um processo de grande proporção de rejeição à morte. Este fenômeno humano sofre o estigma de ser algo indesejável, por isso fica evidente o seu escamoteamento.



contudo, não desperta na existência humana uma conotação de algo bom, onde o bem se realiza definitivamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como dissemos anteriormente, o nosso intuito com este artigo é tão somente o esclarecimento destes três termos, sem a pretensão de analisá-los criticamente, mas sim dirimir dúvidas que perspassam a nossa mente. E, além disso, observar como estes termos podem colaborar para a constituição de uma Tanatologia Religiosa enquanto objeto de pesquisa no campo das Ciências das Religiões.

Ora, no universo dos fenômenos naturais humanos, a morte se destaca como uma realidade última, aquela cujas fronteiras demarcam um lapso temporal e espacial. O seu estudo – neste caso, enquanto fenômeno religioso – demanda uma compreensão mais aprofundada dos aspectos biológicos, psicológicos, filosóficos e teológicos que transitam em toda existência humana. Este agregado de ciências compõe um acervo conceitual e metodológico que conduzem a uma compreensão real da morte, se é que podemos dizer que teremos tal entendimento um dia. Mas de qualquer modo, nos empenharemos na busca desse conhecimento, o que para o estudioso da morte se apresenta como um grande desafio, visto sua complexidade e amplitude.

Trazer a morte à tona é reconhecê-la como real presença na vida. “Ousar falar da morte, admiti-la nas relações sociais, já não é como antigamente permanecer no cotidiano, é provocar uma situação excepcional, exorbitante e sempre dramática” (ARIÈS, 2003, p. 241). O tabú precisa ser quebrado, afinal, reconhecemos sua inexorabilidade.

“Eis aí a que a sociedade ocidental contemporânea reduziu a morte e tudo a que ela está associado: um nada. [...] Ao negar a experiência da morte e do morrer, a sociedade realiza a coisificação do homem (MARANHÃO, 1998, p.19). São nestes termos que podemos ainda requisitar seu status dentro da sociedade, visto que precisa ter seu espaço preservado e garantido. Pois não é ela que transcende todas as fronteiras do real?



Frente a tantas questões, a tanatologia e a escatologia visam suprir as deficiências e fragilidades humanas, sejam durante o processo do morrer, sejam como suportes religiosos com vistas para o pós-morte. Hoje, a tanatologia deixa de ser uma simples disciplina da medicina legal para se projetar nos cenários sócio-antropológico, psicológico, religioso, jurídico, enfim, nas principais esferas da vida humana.

Seu contributo deixa a marca de uma humanização necessária e urgente. O moribundo que está inserido neste processo de morte, é o principal sujeito a receber métodos e técnicas diferenciados e especificamente voltados para a atenuação de sua dor e angústia frente à sua finitude. Os cinco estágios do morrer requisita uma atenção redobrada de todos aqueles que lidam diretamente com os enfermos. A eficiência do processo se dá principalmente pela intersecção das ciências médicas e psicológicas, e é nisto que se concentra o grande objetivo da tanatologia.

Por sua vez, a tanatologia religiosa – expressão cunhada para designar os aspectos e elementos religiosos presentes no processo do morrer, do primeiro ao último estágio – vem para viabilizar o acesso, sob o ponto de vista das Ciências das Religiões, dos cientistas religiosos e teólogos quanto à análise do fenômeno religioso inserido no processo de morte. Isto facilitará sobremaneira nosso trabalho, enquanto estudiosos do fenômeno da morte, pois que retiraremos de todo o processo apenas os elementos espirituais, religiosos e transcendentais e faremos uso na investigação.

Já a escatologia – ciência que estuda o fim enquanto morte - esta prima em dar respostas condizentes para as questões transcendentais. O mundo espiritual é objeto de especulações, de dúvidas e de certezas. As religiões se apoderam de suas escatologias como verdade eterna, pois que estas concepções são fundamentadas em crenças sagradas, geralmente contidas em livros sagrados ou mantidas pela oralidade através da tradição. Portanto, o fim humano e seu destino transcendente é o objeto da escatologia.

Diferentemente dos campos acima citados, a teleologia cósmica de Aristóteles nasceu dentre muitas teorias classicistas. Sua postulação teve como motivação o anseio do homem em conhecer e explicar todas as coisas. Para ele, a compreensão dos fenômenos naturais passa pelo conhecimento dos princípios e do “por quê” das



causas. A teoria das causas finais, denominada de teleologia, se converge em explicar a natureza do ser como também a do universo, por isso é conhecida por teleologia cósmica.

Conhecer a natureza das coisas é buscar uma causa primeva, é indagar os “porquês” e os “para quês”, e são estas questões que levam a uma causa final, a um fim que pode ser de caráter humano (teleológico) ou divino (escatológico). As questões de destinação que a teleologia trata se restringe apenas aos aspectos humanos, pois os aspectos transcendentais ou divinos é tarefa da escatologia.

De certa forma, as causas finais representam o fim último, pois que não deixa de ser uma finalidade do processo natural, quando da sua completude existencial. O ciclo do processo se completa com a morte, que é o fim, porém, esse fim não é o desejado. Mesmo aqueles que estão no processo do morrer, a aceitação do fim é de grande complexidade. Muitos morrem sem querer morrer, sem conseguir atingir o estágio dessa aceitação que é próprio do processo.

[...] o morrer é tido por aquele período de vida, mais ou menos longo, com o qual o ser humano tem de se conformar, uma vez por todas e muitas vezes a contragosto, de que sua vida findará em breve (BLANK, 2000, p.27).

A realidade da morte se apresenta de tal maneira que “Não se morre sem se ter tido tempo de saber que se vai morrer” (ARIÈS, 2003, p.27). Só que a tanatologia vem justamente em auxílio daqueles que sabem que vão morrer, proporcionando a humanização dessa dor até a efetivação da morte. O luto enquanto sofrimento antecipado é trabalhado como preparação para a perda de modo a conduzir a uma aceitação ou conformação, tanto por parte do moribundo quanto dos familiares. A fase do morrer culmina com a morte, pois que este é o fim a que todos são submetidos. É a finalidade teleológica a que o ser humano está destinado, podendo não ser a melhor, mas com certeza é a mais certa de todas.

É dessa morte que a escatologia se apropria. Através das várias teologias escatológicas, geralmente os envolvidos no morrer (moribundo e familiares), experimentam uma esperança transcendental. Uma esperança que agora se projeta no além. De alguma forma, esse amparo sagrado, divino, surte um efeito benéfico

quando se manifesta num momento de dor, onde a fragilidade humana se expressa com mais clareza. É nessa fase que os postulados escatológicos respondem às indagações de como será a nova dimensão de uma vida imaterial, pois que se constituem como suporte necessário e eficaz, sob os quais as religiões lançam mão perante o homem. Aqui finalizamos nosso artigo reinterando a importância do estudo da morte no espaço acadêmico como prerrogativa para uma conscientização da sociedade como um todo, visto que o saber transcende todos os espaços.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente: da idade média aos nossos dias**. Trad. Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Tradução direta do grego por Vincenzo Coceo. São Paulo: Abril S.A. Cultural, 1984.

_____. **Ética a nicômaco**. Trad. Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W.D. Ross. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

BECKER, Ernest. **A negação da morte: uma abordagem psicológica sobre a finitude humana**. Trad. Luiz Carlos do Nascimento Silva. Rio de Janeiro: Record, 2010.

BLANK, Renold J. **A morte em questão**. São Paulo: Loyola, 1998.

_____. **Escatologia da pessoa: vida, morte e ressurreição**. São Paulo: Paulus, 2000.

BORAU, J. L. Vázquez. **O fenômeno religioso: símbolos, mitos, e ritos das religiões**. Trad. Lara Almeida Dias. São Paulo: Paulus, 2008.

D'ASSUMPÇÃO, E.A; D'ASSUMPÇÃO, G. M e BESSA, H.A. **Morte e suicídio: uma abordagem multidisciplinar**. Petrópolis: Vozes, 1984.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

HENRIQUES, A.C.V. **Educar para a morte: um desafio para o ensino religioso**. 2013. 48f. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Ciências das Religiões) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

_____. **Sobre a morte e o morrer: concepções e paralelismos entre o Catolicismo Romano e o Budismo Tibetano**. 2014. 260f. Dissertação (mestrado em Ciências das Religiões) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

KASTENBAUM, R. e AISENBERG, R. **Psicologia da morte**. São Paulo, Pioneira, 1983.

KOVÁCS, Maria Júlia. Desenvolvimento da tanatologia: estudos sobre a morte e o morrer. **Revista Paidéia**, Ribeirão Preto, vol. 18, n. 41, p. 457-468, dez. 2008.



Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-863X2008000300004&script=sci_arttext>. Acesso em: 12 ago. 2015.

KÜBLER-ROSS, Elizabeth. **Sobre a morte e o morrer**. Trad. T.L. Kipnis. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

LAMBERT, Yves. **O nascimento das religiões: da pré-história às religiões universalistas**. São Paulo: Loyola, 2011.

MARANHÃO, José Luiz de Souza. **O que é a morte**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

MARTINS, Roberto de Andrade. A doutrina das causas finais na antiguidade. 2. A teleologia na natureza segundo Aristóteles. **Filosofia e história da biologia**, vol. 8, n 2, p. 167-209, 2013. Disponível em <<http://www.abfhib.org/FHB/FHB-08-2/FHB-8-2-03-Roberto-Martins.pdf>>. Acesso em: 26 ago. 2015.

MOODY, Raymond A. **Vida depois da vida**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nórdica, 1979.

MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. Trad. Cleone Augusto Rodrigues. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

PONCE, Margarita. **Aristóteles y la teleologia actual**. Diánoia (México), v 25, n 25, p. 101-125, 1979. Disponível em <http://dianoia.filosoficas.unam.mx/files/1713/6993/5053/DIA79_Ponce.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2015.

VASCONCELOS, Vitor V; MARTINS JÚNIOR, Paulo P. A teleologia e o estudo das Ciências Humanas da Natureza – contribuições da filosofia. **Ambiente e educação**, Rio Grande, vol. 16, n. 1, p. 59-77, 2011. Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/ambeduc/article/view/1676>>. Acesso em: 21 ago. 2015.

